

## CONTRA AS BANANAS

**Luiz Alex Silva Saraiva<sup>1</sup>**

Os muitos absurdos que podem ser observados no Brasil desde o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff, democraticamente eleita com mais de 54 milhões de votos, se devem, em linhas gerais, a uma ausência generalizada de políticas de Estado no país. Na falta de diretrizes mais amplas, que apontem a direção desejada para o Brasil, as instituições ficam sujeitas ao que se vê hoje em dia: um desmonte explícito de tudo o que havia em nome de uma teocracia ignorante, violenta, conservadora, frequentemente fascista.

Um exemplo bastante evidente é o desmonte das universidades públicas em curso. Atacadas diretamente no nível orçamentário, no estabelecimento de controles sem sentido, na eliminação de bolsas de pós-graduação, só para ficar em alguns elementos, as universidades públicas brasileiras, em especial as federais, têm sofrido ataques por conta de um explícito interesse na sua destruição. O roteiro que o governo tem adotado já é conhecido: cortar recursos para que caia a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão, o que o leva a noticiar que o conhecimento ali produzido é caro, ineficiente e de baixa qualidade, que os professores são privilegiados, recebendo muito para pouco fazer, e que os estudantes teriam outros propósitos ao frequentar a universidade que não os estudos. A solução? Privatizar. Assim haveria a certeza de que

---

<sup>1</sup> Editor-chefe da Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/8812184151373749>. <https://orcid.org/0000-0001-5307-9750>. [saraiva@face.ufmg.br](mailto:saraiva@face.ufmg.br). Endereço para correspondência: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (55 31) 34097235.

os recursos antes executados de forma ineficiente estariam sendo direcionados para onde é realmente necessário, uma evidente mentira. Basta considerar o que foi feito com os recursos oriundos das privatizações: foram maciçamente direcionados para o pagamento de juros da dívida, e nunca para qualquer tipo de melhoria em outras áreas, como apregoado.

Os detratores das universidades públicas repetem um roteiro infeliz já escrito e levado a cabo em outras privatizações, uma lógica de desmerecimento, desqualificação, e de desvalorização que culminam com um sucateamento óbvio, precedendo o arremate indecentemente baixo, tal como deve ser um “bom investimento” aos olhos do capital privado. Já vimos isso, entre outros casos, na escandalosa privatização da Companhia Vale do Rio Doce, vendida por três bilhões, quando valia cerca de 100 bilhões de reais. A eficiência administrativa veio acompanhada dos típicos padrões de desresponsabilização (Saraiva, 2019; 2014) quando os esperados crimes corporativos por omissão ocorreram (Medeiros, 2013; Fontoura *et al.*, 2019).

Não é o interesse público que está em jogo, mas o “retorno” para o investimento feito em campanhas políticas que são auditadas e julgadas sob critérios duvidosos. A necessidade do povo brasileiro não é levada em conta, mas a agenda de investimentos de um pequeno grupo que se locupleta do poder de maneira a auferir mais e mais recursos em detrimento de todo o resto da população, conforme atesta o vergonhoso título de segundo país com a renda mais concentrada do mundo – 1% da população fica com 28,3% da renda total, um escândalo (ONU, 2019).

E por que este ataque às universidades? Por que o conhecimento nelas gerado não se baseia na exploração da credulidade em púlpitos, não se submete à histeria de pregações inflamadas, tampouco se exime de se contrapor a lugares comuns com base em fatos. Não é difícil compreender porque as universidades públicas se tornaram alvos tão diretos deste governo que deseja entrega-las – literalmente – à iniciativa

privada. Para os governantes atuais, *it's just business*, e uma banana para os descontentes, como frequentemente faz o presidente eleito com os jornalistas.

Contra as bananas devemos nos insurgir – e todos os dias. Não podemos aceitar continuar sendo uma república das bananas, rejeitando as bananas que nos dão políticos incompetentes, corruptos e comprometidos com a sua própria agenda. E não apenas porque elas são uma manifestação do absurdo cotidiano, mas porque o Brasil não pertence aos representantes do capital que ora ocupam o governo. Precisamos lutar hoje para que possa existir um amanhã.

Este segundo número de 2019 da **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade** traz contribuições interessantíssimas. Em primeiro lugar, gostaríamos de agradecer a *Giancarlo da Cunha Junqueira* pelas propostas de alteração no padrão de capa da revista, o que será incorporado a partir desse número. A capa *Janelas Abertas S/N*, de *José Roberto Ferreira Guerra*, a partir de imagens de janelas abertas, explora as possibilidades de conhecimento a partir do que permitimos que entre e permaneça nas nossas existências.

A seção **Artigos** conta com quatro textos. No primeiro deles, *É bom para quem? análise crítica do discurso empresarial sobre a extensão da terceirização*, *Marcelo Almeida de Carvalho Silva* e *Filipe Augusto Silveira de Souza* discutem a regulamentação do trabalho a partir do debate em torno do Projeto de Lei 4.330/2004, que estende a terceirização a qualquer atividade laboral. A posição de um empresário é o ponto de partida para a análise crítica do discurso empreendida pelos autores, tendo sido identificada uma tentativa de convencimento da sociedade dos supostos benefícios da aprovação do projeto de lei.

*Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti Sigahi, Geraldo Tessarini Júnior e Patrícia Saltorato*, em *Voando sob o radar: mecanismos de controle do trabalho em uma*

*instituição financeira nacional*, examinam os mecanismos de controle do trabalho em uma das maiores instituições financeiras privadas brasileiras visando entender seus efeitos sobre os trabalhadores. Discutidos à luz da Economia Política do Poder, os resultados sugerem a coexistência de mecanismos explícitos e implícitos de controle do trabalho, o que submete os trabalhadores a diversas instâncias simultâneas de controle, com efeitos múltiplos sobre suas vidas.

No texto *Transtornos mentais relacionados ao trabalho no Brasil e a Psicodinâmica do Trabalho*, Paula Evelyn Barbosa Rodrigues e Maria Izabel Migueis Quintas Calheiros, exploram a compreensão dos desdobramentos da organização do trabalho contemporânea na saúde psíquica do trabalhador. O trabalho levado a cabo pelas autoras mostra que a Psicodinâmica do Trabalho se mostra útil para a compreensão da etiologia dos transtornos mentais relacionados ao trabalho, com desdobramentos possíveis para a análise da organização do trabalho, o estabelecimento do diagnóstico, a articulação dos conhecimentos ergonômicos e psicanalíticos em sua teoria, e na intervenção proposta pela Clínica das Patologias.

*Trabalho emocional e gênero: um estudo em um supermercado de Minas Gerais*, de Rodolfo Buzzulini, Alessandro Gomes Enoque e Alex Fernando Borges é um artigo cuja proposta é analisar a configuração do trabalho emocional de homens e mulheres ocupantes do cargo de caixa de um supermercado no estado de Minas Gerais, o que foi feito mediante a realização de entrevistas. Os resultados sugerem que algumas características do trabalho emocional se manifestam de maneira semelhante entre homens e mulheres, ao passo que há distinções por gênero em outras, sugerindo grande potencial para o estudo de emoções no trabalho.

*Christianne Lobato Ramalho da Silva, Alfredo Rodrigues Leite da Silva e Leticia Dias Fantinel* analisam a construção das significações presentes em uma padaria no texto *Simbolismos e sociabilidades na terceira idade: práticas e significações construídas em*

*uma padaria*. Os principais resultados sugerem que os idosos estabelecem significações e autoafirmações enquanto pessoas ativas, o que é pouco levado em conta pela gestão da organização, um alerta para a necessidade de incorporar tais aspectos para o desenvolvimento da organização e para os idosos.

Na seção **Provocações**, *Fabio Aurelio de Mario e Marcela Bortotti Favero* nos brindam com o texto *Práticas ideológicas de mercado ou pautas identitárias?*, fomentando um debate sobre os elementos criados por atores de mercado para manter discursos de dominação com finalidade econômica. Com um olhar voltado para práticas representacionais de marketing e mercado a partir de pressupostos críticos e anti-hegemônicos, exploram discursos a respeito da sustentabilidade promovidos em campanhas publicitárias, demonstrando que tais práticas são ideológicas, e ao mesmo tempo, são capazes de transformar, qualificar dispositivos e performar mercados.

*Paula Gontijo Martins*, na seção **Depoimentos**, apresenta o texto *A estrutura amarrada somos nós*. Nele ela registra uma experiência de viagem e de pesquisa no México em busca de mulheres artistas populares e seus modos próprios de organização cotidiana. A autora compartilha inseguranças e descobertas da autora, diante de encontros e estranhamentos, questionando o lugar do saber como posse e da pesquisa como conquista.

*"Carne e osso": o trabalho nos frigoríficos sob influência do toyotismo* é o título do texto de *Mariana Rambaldi* para a seção **Resenhas**. Sob o olhar da Psicodinâmica do Trabalho, a autora defende que a aguda racionalização da organização do trabalho contemporâneo estaria orientada por um modelo de gestão toyotista, responsável por desencadear sentimentos de medo e ameaça, com efeitos sobre a saúde dos trabalhadores.

Encerrando o número, *Henrique Muzzio* apresenta *Manifestações da criatividade e sua condição central na economia e na cultura* na seção Registros Fotográficos. Neste texto ele procura ilustrar distintas formas de criatividade ao evidenciar a importância da capacidade criativa para suprir a sociedade de demandas econômicas, sociais e culturais. Por meio de fotografias, o autor sugere manifestações de valores culturais dotadas de significados, de experiências coletivas, de saberes difundidos por gerações, de dons individuais e de movimentos de resistência a uma massificação impulsionada pela globalização e pela mecanização produtiva.

Boa leitura!

### Referências

Fontoura, Yuna, Naves, Flávia, Teodósio, Armino S. S., & Gomes, Marcus V. P. (2019). "Da lama ao caos": reflexões sobre a crise ambiental e as relações Estado-empresa-sociedade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 17-41.

Medeiros, Cintia R. O. (2013). *Inimigos públicos: crimes corporativos e necrocorporações*. Tese de doutorado, Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.

Organização das Nações Unidas – ONU (2019). *Relatório do desenvolvimento humano 2019*. New York: ONU.

Saraiva, Luiz Alex S. (2019). Ganância e cadáveres. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 1-12.

Saraiva, Luiz Alex S. (2014). Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 1(1), 1-18.

## **CONTRIBUIÇÃO**

**Luiz Alex Silva Saraiva**

Texto individual, elaborado pelo autor.

## **AGRADECIMENTOS**

O autor agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

## **DECLARAÇÃO DE INEDITISMO**

O autor declara que a contribuição é inédita.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

O autor declara não haver conflito de interesses.

## **COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO**

Saraiva, Luiz Alex S. (2019). Contra as bananas. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 6(15), 466-472.